

LUTERO, TRADUTOR DA BÍBLIA*

Luís I. J. Stadelmann, S.J.

A obra literária que mais notabilizou Lutero é a tradução da Bíblia, tanto pela influência literária sobre a língua alemã, como pela repercussão espiritual e religiosa.

Essa influência verificou-se não só naquele tempo, mas através dos séculos. Basta lembrar que, a partir de 1522 (data da publicação do NT, traduzido por Lutero) até à sua morte (em 1546), apareceram 277 impressões, seja da Bíblia inteira ou de algumas suas partes, seguindo-se, a partir de 1641, traduções dessa Bíblia em baixo-alemão, frances e italiano, e sua divulgação em grande escala pela Sociedade Bíblica de Halle (1712), Württemberg (1812) e pelas editoras da Sociedade Bíblica de Bergen, Hannover, Sachsen, Preussen, Schlesien, Hamburg-Altona e Bremen.

Após três séculos de evolução da língua alemã, tornando-se necessária a revisão da Bíblia na tradução alemã, a Conferência das Igrejas de Eisenach empreendeu, de 1861 a 1892, uma modernização da linguagem, com emendas ao texto.

Recentemente, de 1964 a 1975, foi realizada mais uma revisão da Bíblia de Lutero para atualizar sua linguagem, preservando o aspecto estético, o vigor retórico e a força do apelo.

A Bíblia de Lutero como obra literária

Obra literária de valor artístico é a criação de uma realidade pela intuição do autor, mediante a palavra expressivamente estilizada. Como, porém, pode uma tradução da Bíblia ser considerada obra artística, se o conteúdo e a forma são fornecidos pelos autores bíblicos? Ou estará seu valor artístico nalgumas passagens que produzem no leitor efeito estético, o que apareceria de forma mais evidente, se fosse editada uma antologia dessas passagens? Ou terá a Bíblia valor artístico pelas introduções e notas explicativas? Não é o caso da Bíblia de Lutero, pois, nas edições posteriores, esses textos foram supressos.

O valor artístico aparece no fato de Lutero ter feito dos textos da

(*) Conferência proferida no Instituto Cultural Brasileiro-Alemão de Porto Alegre-RS, no Seminário sobre Martinho Lutero, por ocasião do 500º aniversário de seu nascimento, realizado de 7 a 10 de novembro de 1983.

Bíblia a expressão do homem e da vida. Nessa tradução, o importante não é apenas **quem** e o **que** se exprime, mas **como** se exprime. Entretanto, a palavra, que na vida cotidiana é simples meio de comunicação, assume na Bíblia a função de veículo da Revelação divina. Assim, a tradução da Bíblia não apenas proporcionou a maior número de pessoas acesso à Revelação, mas, ao mesmo tempo, tornou-se um acontecimento importante para a própria língua, por desafiá-la a criar formas de expressão anteriormente não exigidas nem imaginadas. Daí resultou para a linguagem uma dimensão totalmente nova: além de simples meio de abordagem das contingências cotidianas, descobriu-se, na palavra estilizada, um meio de comunicação de realidades humanas mais profundas e de dimensões transcendentais; encontrou-se a linguagem do encontro com Deus.

Traduções da Bíblia em alemão

Para apreciar devidamente a tradução feita por Lutero, convém compará-la com as traduções alemãs que apareceram entre os séc. IX e XIII. O primeiro a promover a tradução da Bíblia em alemão foi o imperador Carlos Magno (768-814). A obra de Heliand tem seu valor, não como tradução dos evangelhos, mas como obra literária, em forma de paráfrase. O Evangelho de Mateus de Mondsee (Áustria), como também o mesmo Evangelho traduzido pelo bispo Valdo de Freising (884-906), primam pela boa linguagem. É igualmente digno de nota o Saltério traduzido pelo monge Notker Lábeo (+ 1022).

Em língua alemã, as abundantes traduções bíblicas dos séculos XIV e XV não primam pela qualidade. No séc. XIV foram publicadas 170 traduções do Saltério e de outros livros da Bíblia; mais 125, no séc. XV. Entre 1466 e 1487 foram impressas 11 Bíblias em alemão; entre 1487 e 1519, apenas 3, em decorrência de seu preço exorbitante; tomaram-lhe o lugar outros livros religiosos, mais acessíveis à população, tais como: Vidas de Santos, Passionália, Vida dos Padres Antigos, Plenários, Livros de Sermões. A título de informação, a Bíblia de Munique (1489) de 405 folhas (tamanho 43x30cm) custava 12 florins, o equivalente a 4 bois gordos. A grande diferença, porém, das traduções editadas entre os séc. IX e XIII em relação às dos séc. XIV e XV é a qualidade, tanto na forma literária quanto na compreensão do sentido. Isso se deve ao fato de que no primeiro período eram homens letrados que se dedicavam ao trabalho de tradução, enquanto no período posterior eram pessoas sem formação específica, ajudadas por copistas com pouca formação, a julgar pelos tipos de erros gráficos.

Objetivo de Lutero ao traduzir a Bíblia

Lutero empreendeu a tarefa de traduzir a Bíblia, não apenas por razões de estilística ou de melhor compreensão do texto, mas porque, compreendendo a importância do estudo da S. Escritura, para se chegar à familiaridade com a mensagem divina, sentiu a necessidade de voltar ao texto original, sem a mediação da tradução latina. O axioma do humanismo de "voltar às fontes" motivou-o a reagir ao abuso da argumentação teológica que atribuía, por vezes, maior valor às opiniões dos teólogos do que ao ensinamento da S. Escritura. Para alcançar esse objetivo era necessário fornecer aos leitores uma Bíblia em linguagem acessível a todos. Ao aspecto funcional da linguagem estava associado o objetivo de auxiliar na compreensão do sentido do texto bíblico. Na Idade Média estavam em vigor quatro princípios hermenêuticos para se chegar à compreensão do texto: a) o sentido literal, b) o sentido alegórico (místico ou cristológico), c) o sentido tipológico (moral ou antropológico), d) o sentido anagógico (ou escatológico):

*littera gesta docet; quid credas allegoria;
moralis quid agas; quo tendas anagogia.*

Lutero deu ênfase ao sentido literal e ao contexto histórico, em reação contra o método alegórico. Ressaltou, porém, o aspecto cristológico do AT, usando o método tipológico, o que é condenado por muitos exegetas da atualidade. Esses métodos têm sua aplicação na interpretação exegética dos textos, mas não na tradução como tal. Mas, para Lutero, "traduzir" implica encontrar o lugar existencial onde o texto atinge o alvo.

Ao explicitar os objetivos da tradução da Bíblia em linguagem acessível a todos, Lutero visava fornecer ao homem pecador, chamado à intimidade com Deus, o caminho que leva à salvação. Não tencionava escrever um livro para os estudiosos (historiadores, etnólogos, pesquisadores), cujo interesse nos dados do passado era um imperativo de sua curiosidade. Tampouco lhe interessava fornecer aos críticos literários alguns subsídios para um estudo comparativo de fundo e forma, em antologias de textos expressivos.

Trabalho de tradução da Bíblia

Para conhecer mais de perto a obra completa da tradução da Bíblia, é muito elucidativo acompanhar as sucessivas revisões, cujo objetivo não era apenas melhorar o estilo, mas corrigir as passagens cujo sentido não condizia com o texto original.

Lutero iniciou a tradução da Bíblia pelos livros do NT, e a concluiu em apenas um mês e meio. Mas, como a pressa é inimiga da perfei-

ção, ocorreram muitas falhas na 1ª edição, publicada em setembro de 1522; na 2ª edição, lançada em dezembro de 1522, foram introduzidas 574 emendas. As revisões subseqüentes do NT, realizadas em 1526, 1534 e 1539-1541, melhoraram sensivelmente o texto. Se essas sucessivas revisões mostram a conscienciosidade do autor de ser fiel ao texto original, elas indicam também que o tradutor, cômica ou inconscientemente, costuma impor ao texto bíblico sua cosmovisão pessoal; disso ele se dá conta após longa familiaridade com os temas bíblicos.

Há, além disso, circunstâncias extrínsecas que marcaram sua tradução do NT. O texto grego por ele usado era a edição recém-elaborada, às pressas, por Erasmo, baseada em apenas meia dúzia de manuscritos que nem sequer eram os mais autorizados. Basta lembrar que o texto grego do NT das edições científicas de hoje se baseia em cerca de 8000 manuscritos criteriosamente selecionados e classificados segundo quatro recensões com suas tendências específicas. Os manuscritos gregos do NT usados por Erasmo pertencem à recensão antioquena (também chamada oriental), que hoje tem valor secundário frente às outras três. Aconteceu também o fato curioso da troca de manuscritos: Erasmo utilizou uma cópia grega para a elaboração das notas explicativas; mas a oficina gráfica baseou-se na segunda cópia, defeituosa, para a composição e impressão do texto. Outro dado faz levantar sérias ressalvas contra esse texto grego: é a liberdade que Erasmo tomou em completar os 6 versos finais do Apocalipse que faltavam no manuscrito, traduzindo-os ele mesmo do latim. Não é, pois, de estranhar que a tradução alemã do NT apresentasse sérias deficiências, que as revisões posteriores têm procurado eliminar, até que aquele texto grego, chamado *textus receptus*, foi substituído definitivamente em 1831 por outro, de reconhecida autenticidade histórica, datado dos primeiros séculos. A revisão de 1892 adaptou a tradução alemã, de acordo com o novo texto grego.

Para realizar o trabalho da tradução do AT, que se prolongou de 1522 até 1534, Lutero reuniu uma equipe de especialistas. O trabalho em grupo consistia no fornecimento de subsídios lingüísticos, analisados pelos integrantes dessa comissão, mas a tradução preliminar, como também a formulação definitiva do texto alemão, ficava a cargo de Lutero, para assegurar não só a unidade estilística, mas também a fixação do sentido.

O mesmo método de trabalho em equipe foi adotado por Zwingli e Leo Jud na edição da Bíblia de Zurique, para a adaptação do linguajar de Lutero às peculiaridades dialetais da Suíça, enquanto os livros proféticos, que Lutero ainda não tinha publicado, foram traduzidos por Zwingli e os livros apócrifos por Jud.

Função da Bíblia de Lutero

Pela análise dos diversos livros do AT que Lutero traduziu para o alemão, podemos notar diferentes objetivos que o orientaram na elaboração escrita, em vista da função que esses livros exerceriam. Assim, p. ex., ao traduzir o Saltério, ele tinha por objetivo torná-lo um devocionário, cujas orações pudessem ser memorizadas. Com essa intenção elaborou a edição de 1524; emendou a tradução na edição de 1528, tornando-a mais próxima ao alemão e mais distante do original hebraico, indo mais longe neste esforço de adaptação do linguajar hebraico à índole da língua e da mentalidade alemã na edição de 1531. Quanto aos livros apócrifos, Lutero fez deles uma tradução mais livre, por considerá-los mera leitura edificante, não livros canônicos da S. Escritura.

Outra finalidade, subjacente na tradução do livro da Bíblia como enfoque de toda a teologia bíblica, é de ordem subjetiva: Devido à experiência angustiante na busca pelo sentido da **justiça divina**, Lutero acentuou demasiadamente alguns aspectos, passando, às vezes, além do âmbito textual para ressaltar a dimensão salvífica, mencionada em certas passagens. Sobressai o contraste entre a vindicação da justiça de Deus e sua misericórdia. Em comparação com outras traduções, a Bíblia de Lutero emprega com maior frequência o termo "consolação", acentuando o estado emocional de alívio e conforto após a experiência aflitiva, embora o termo correspondente em hebraico ou grego seja pouco frequente. Levanta-se então a questão sobre as normas que Lutero tenha seguido para captar o sentido do texto original.

Normas de tradução

Lutero especificou as normas hermenêuticas que deveriam orientar o tradutor da Bíblia. Primeira norma: como a S. Escritura fala de obras e assuntos divinos, compete ao homem ter respeito e reverência pela S. Escritura. Lutero empenhou-se em ressaltar o aspecto divino sobre o aspecto humano. Segunda norma: quando a construção da frase ou as palavras admitem várias traduções, deve ser escolhida aquela que se coaduna com o NT. Terceira norma: a tradução que contradiz o conteúdo da S. Escritura deve ser rejeitada. O NT é o término e a meta de toda a revelação; o AT é entendido a partir do NT, cujo núcleo é Jesus Cristo. Se houver passagens do AT ou NT que não se coadunem com a mensagem de Jesus Cristo, não constituem revelação infalível.

Algumas normas de cunho literário são ditadas pelo sentido funcional da mensagem bíblica: a) passagens de aplicação direta à vida, dignas de serem memorizadas, devem ser traduzidas por expressões apropriadas, atendendo-se, não tanto ao sentido literal, mas ao sentido da mensagem; b) passagens que contêm um ensinamento sobre alguma ver-

dade central da fé não deveriam ser traduzidas literalmente, mas em função do sentido; c) passagens que contêm termos significativos da teologia bíblica não podem ser substituídos por outros em vista de melhoria de estilo; d) hebraísmos deveriam ser conservados se fossem mais expressivos do que a construção da frase em alemão.

Orientado por essas normas, Lutero empenhava-se em desvendar a mensagem, descurando o colorido local do antigo Oriente, o ambiente do mundo bíblico, os sentimentos e as idéias dos autores bíblicos. Não se dispunha, naquela época, de estudos filológicos, históricos e geopolíticos sobre os povos orientais antigos. Hoje tais estudos estão à disposição dos exegetas para o conhecimento do contexto bíblico. Para captar o sentido das palavras desconhecidas, Lutero consultava dicionários, e também homens letrados; mas não estava interessado em produzir uma tradução que servisse de manual aos alunos de grego ou hebraico. Distinguindo entre exatidão do sentido literal e mero verbalismo, ele usa termos germânicos correspondentes aos de culturas antigas, tais como os termos referentes à organização administrativa, política e militar, unidade monetária, medidas e pesos, flora e fauna, etc. Não é o caso de substituir o ambiente cultural do antigo Oriente pelo ambiente germânico seiscentista, como, p. ex., a obra de Heliand (830), que germanizou a vida de Jesus. Trata-se de situar o leitor no contexto de um ambiente que lhe é inteligível, embora talvez de estruturas sociais já há muito superadas e de costumes estranhos. Do tradutor se espera que seja um homem inserido na realidade em que vive e que esteja em sintonia com o leitor, tomado como marco referencial.

A Bíblia de Lutero como obra literária

A Bíblia de Lutero era, desde o início, um livro para ser lido e ouvido. Lutero criou um estilo todo peculiar, em contraste com o estilo de outros escritores daquela época, com a finalidade de servir de meio de expressão e comunicação da mensagem bíblica. Procurando alcançar a harmonia entre o fundo e a forma, ele criou uma obra literária, não às custas do valor funcional da palavra de Deus, mas a serviço dela. Ora, as verdades divinas contidas na Bíblia, por mais sublimes, profundas e transcendentais que sejam, foram expressas, não em linguagem filosófica, mas existencial, o que é típico da índole semítica; por isso uma tradução não poderia ter um estilo solene, erudito e hierático.

Entretanto, não tendo a intuição do artista, o escritor que se orientasse apenas pelo critério da harmonia entre fundo e forma, criaria apenas uma linguagem expositiva, não um estilo. Além disso, uma tradução que apenas transmitisse os temas bíblicos por meio de um estilo artístico, seria mera reprodução de uma realidade passada, mas não uma

obra literária. O escritor, com talento artístico, não reproduz uma realidade, mas cria uma realidade estética, mediante a palavra expressivamente estilizada, pela referência à vida e aos homens.

O temperamento impulsivo e dramático de Lutero influenciou seu estilo literário, que se caracteriza como linguagem do dramaturgo. Manifesta-se a dramaticidade principalmente nos escritos doutrinários e polêmicos; dirigidos a um suposto adversário, assumem a forma dialogal, a exemplo do estilo de Lessing. É de se notar, porém, que, na tradução da Bíblia, Lutero utilizou os recursos estéticos de maneira seletiva: onde predomina a função poética sobre a cognitiva, esta é obscurecida, porque o tradutor se concentra, não no assunto que é comunicado, mas na maneira **como** ele é comunicado. Ora, isso invalida por completo a finalidade de uma tradução da Bíblia.

A língua alemã no tempo de Lutero

Não havia uma língua padronizada, mas muitos dialetos de cunho regional. Impunham-se três linguagens escritas e de comunicação supra-regionais: a) a linguagem da chancelaria da Boêmia, dos governantes luxemburgueses; b) a linguagem comum dos governantes habsburgos; c) a linguagem de Meissen, usada nas chancelarias dos governantes de Wettin, abrangendo as regiões da Turíngia e Saxônia-Wittenberg.

A essas se acrescentam diversas linguagens utilizadas nas oficinas gráficas, dalgum modo relacionadas com a linguagem das chancelarias. Apesar das diferenças dessas linguagens, havia considerável coincidência na formação de palavras, na construção da frase e no vocabulário. Já no séc. XV deu-se uma aproximação lingüística entre as diferentes linguagens escritas e faladas, a ponto de já se mencionar o fenômeno da fusão entre os idiomas das regiões leste e centro-leste da Alemanha. Lutero encontrou esse processo de fusão já em andamento, utilizando, logo de início, a língua escrita de Meissen.

Por iniciativa de Lutero, acelerou-se a evolução da língua alemã, em três etapas: unificação de três linguagens, fusão de dois idiomas, surgimento de uma língua única. Pela circulação dos escritos de Lutero nas várias regiões da Alemanha, divulgou-se a língua escrita, que se impôs como língua comum e passou a influenciar os diversos dialetos, no sentido de maior aproximação e de entrave à diversificação. A Bíblia de Lutero, mais que seus outros escritos, teve influência decisiva na unificação da língua, por causa da ampla divulgação dos livros bíblicos, entre os homens letrados e a camada popular. Enquanto a linguagem das chancelarias era lacônica, pesada e pobre em vocabulário, Lutero converteu-a em meio de expressão capaz de transmitir todos os matizes das idéias e toda a gama dos sentimentos, a força da argumentação e o impacto do

pensamento, tornando-a em linguagem de encontro pessoal. Tal resultado foi alcançado após o estudo exaustivo de uma série de textos. Lutero percebia nos amanuenses das chancelarias a arbitrariedade em formar palavras novas e em modificar a estrutura da frase. Ele se ateve, porém, a essa linguagem quanto à ortografia, mas quanto ao vocabulário ele adotava apenas aquelas palavras que transcendiam as diferenças dialetais. A construção da frase da linguagem das chancelarias era, porém, totalmente inadequada, devido à coordenação de frases entrecortadas e encaixadas em outras sem explicitação do nexó lógico e sem atender-se à seqüência do pensamento, dificultando enormemente a compreensão. A própria terminologia usada nos documentos das chancelarias não oferecia os necessários conceitos, pois tratavam de assuntos políticos e sociais, enquanto a Bíblia trata de assuntos religiosos. Mais difícil, porém, do que escrever em alemão castiço, fluente e sugestivo, é traduzir textos, escritos por autores de mentalidade semítica, e reproduzir suas reflexões e experiências religiosas numa linguagem que os leitores possam entender e vivenciar, sentindo, como os ouvintes da mais remota antiguidade, o apelo da palavra de Deus.

Opção por uma língua supra-regional

Como praticamente todos os homens letrados daquela época, Lutero raciocinava em latim. Consciente disso, achou indispensável fazer um levantamento do linguajar em uso, tanto entre pessoas letradas — não influenciadas pelo latim — quanto por pessoas não-letradas — artesãos e povo simples —, e tomar contato com diversos dialetos regionais. Lutero, viajando pela Alemanha e Áustria, percorreu cerca de 2764 milhas, sempre atento à diversidade dos dialetos e às peculiaridades lingüísticas. Resumiu suas observações nas seguintes palavras: "A Alemanha possui tantos dialetos e tão diversos entre si, que, após um percurso de 30 milhas, os habitantes dessas regiões já não se entendem bem; os austríacos e bávaros não entendem a fala dos habitantes da Turíngia e da Saxônia. A fala dos habitantes da Alemanha superior não é a autêntica língua alemã, pois ela enche e alarga a boca, soando de maneira dura. A fala dos habitantes da Saxônia é fluente e de fácil pronúncia, sendo superada, porém, pela língua da região de Brandemburgo, que soa de maneira tão suave, que as pessoas nem parecem estar movendo os lábios. Prefiro, porém, a fala dos habitantes de Hessen por causa da acentuação, pois eles pronunciam as palavras, como se as cantassem."

Lutero reparou também nas diferenças dialetais, classificando os dialetos em grupos principais, segundo a pronúncia dos ditongos: "Os austríacos e bávaros não têm ditongos; em vez de 'euer' dizem 'uhr' e em lugar de 'Feur' dizem 'Fuhr'. Lutero observou também o fenômeno

da mistura de dialetos, decorrente da proximidade geográfica, que levava um dialeto a tomar emprestados termos de outro. Tratava-se, pois, de escolher o dialeto que oferecesse condições mais propícias para tornar-se a língua escrita mais versátil e converter-se em língua supra-regional, capaz de ser entendida pela maioria.

Formação da língua escrita

As condições para acelerar o processo de unificação da forma literária eram especialmente favoráveis na periferia do império, na região leste da Alemanha, pois ali convergiam muitos dialetos de imigrantes das mais diversas regiões. Na formação da língua escrita, Lutero não procedeu à análise filológica, mas partiu da observação, perguntando a mulher em casa, as crianças na rua, o homem simples na praça do mercado, observando como eles se exprimiam, para também ele se expressar de maneira inteligível, sem suscitar dúvidas de que estava falando alemão com eles. Lutero, por seu talento de imitação (semelhante ao talento de ator), apropriou-se até do modo de pensar e sentir do homem de seu tempo, conseguindo expressar as coisas mais sutis e douradas, como também as mais simples e triviais, em linguagem natural, compreensível e incisiva.

Esse tipo de linguagem, embora novo, não causava estranheza, nem entre letrados nem entre populares, tanto assim que se tornou padrão de boa linguagem de todas as traduções da Bíblia surgidas após a primeira edição do NT de Lutero. Os critérios estabelecidos por Lutero para uma linguagem apropriada à tradução da Bíblia eram normativos também para a forma literária: 1º, a língua alemã deve proporcionar uma linguagem precisa e "dialética"; 2º, a linguagem deve ser culta e "retórica". Palavras apropriadas e sugestivas persuadem o coração a abrir-se à mensagem da fé.

Estética e compreensão

Lutero desenvolveu uma linguagem escrita que se caracteriza por tal concisão, clareza e simplicidade, que a tornam acessível a todas as camadas sociais. A Bíblia de Lutero, com tais características de linguagem, teve influência decisiva na fixação da língua néo-alto-alemã, escrita ou falada. A língua escrita caracteriza-se pelo ritmo, solenidade e dignidade sacra. Convém lembrar, entretanto, que algumas peculiaridades do estilo de Lutero, hoje tidas por uns como típicas da linguagem hierática, por outros como estranhas e até antiquadas, não foram criadas por Lutero, para efeito estético, mas eram típicas da linguagem comum de Meissen: p. ex., o complemento terminativo, no genitivo, antecipado em vez de acrescentado a uma palavra. Tal construção é hoje usada em esti-

lo elevado e solene. Outro exemplo dessa linguagem é o uso do subjuntivo que hoje está desaparecendo da linguagem falada, sendo substituído por formas modais correspondentes; acentua-se assim o valor funcional da construção, onde a forma arcaica parecia ter apenas valor estético. O que distingue o estilo literário de Lutero é a fluência de um idioma correto e claro, ao alcance de todos, depurado dos vícios de linguagem de diversas classes sociais e enriquecido de recursos estilísticos que realçam a propriedade de termos, a harmonia da frase e a eficácia da expressão.

A linguagem da Bíblia de Lutero

A linguagem da Bíblia de Lutero se distingue pela clareza e concisão, visando uma melhor compreensão da Revelação divina:

- riqueza de vocabulário — fora de comum naquela época — evitando a monotonia e o estilo insípido das outras traduções contemporâneas;
- uso freqüente dos verbos auxiliares, p. ex. querer, ter, estar, ficar, ir, dever, poder, para realçar o sentido lógico das frases, não expresso pelas formas simples dos verbos. O uso dos verbos auxiliares constitui uma das características da língua alemã;
- preferência por palavras concretas, evitando as abstratas, tão apreciadas da linguagem erudita;
- uso do adjetivo em vez do complemento terminativo, típico do hebraico;
- formação de palavras aglutinadas, evitando o acúmulo de artigos definidos;
- acréscimo de palavras para fins de realce, correspondendo à ênfase dada à respectiva palavra no original, por sua posição no início da frase, ou pela ordem invertida;
- uso de expressões idiomáticas alemãs, substituindo as hebraicas ou gregas — só que as expressões idiomáticas estão condenadas a desaparecer mais depressa do que as expressões comuns, por causa da evolução da linguagem corrente.

No afã de garantir a exatidão da reprodução do termo original por um equivalente, entraram na tradução algumas palavras vulgares e ofensivas ao pudor, mais tarde substituídas.

Além da clareza e concisão, a Bíblia de Lutero se distingue pela qualidade incisiva e lapidar e pelo ritmo da frase, facilitando a leitura expressiva em voz alta, em grandes auditórios, e a assimilação da mensagem bíblica em ambiente litúrgico e escolar. A seguir serão dados alguns exemplos destas qualidades estilísticas. Para melhor fluência na leitura os traremos em português, procurando que correspondam ao linguajar de Lutero.

— Cultivo do ritmo da frase: para obter tal efeito, ele escolhia palavras

que obedecessem a certa acentuação rítmica, de acordo com o número de sílabas e determinada ordem de acentos. O ritmo vem da alternância de sílabas tônicas e átonas, segundo a pronúncia normal das palavras.

Jambo (átona+tônica) p. ex. amor, fugaz, para exprimir admiração
Troqueu (tônica+átona) p. ex. vela, lira, para exprimir fato, constatação
Anapesto (átona- átona+tônica) p. ex. celebrar, para exprimir meta
Dátilo (tônica+átona+átona) p. ex. mística, para exprimir movimento
Espondeu (tônica+tônica) p. ex. luz, fé, para exprimir importância, exigência

— Ritmo melódico por meio de versos mistos ou combinados:

p. ex. Sl 42 Como a corça suspira	Dátilo
pelas correntes de água,	Dátilo
assim minha alma suspira	Troqueu-Dátilo
por ti, meu Deus	Jambo
Minha alma tem sede de Deus,	Dátilo
do Deus vivo.	Jambo-Troqueu

p. ex. Mt 11, 28 Vinde todos a mim /	Dátilo-Troqueu
vós, que estais cansados!	

— Figuras de harmonia são figuras nas quais se sobressaem os efeitos provocados pelas combinações sônicas dos vocábulos.

1. **Aliteração:** incidência reiterada de fonemas consonantais idênticos; p. ex. casa e campo; Senhor, nosso soberano, como é sublime teu nome!
2. **Assonância:** seqüência de vozes e sílabas semelhantes, mas não idênticas; p. ex. trêmulas e extremas.
3. **Onomatopéia:** imitação do ruído ou som pela palavra; p. ex. bramindo o negro mar de longe brada.
4. **Simetria:** quando há equilíbrio e correspondência de sons, funções e extensão das palavras e proposições. Entre as espécies simétricas lembramos a figura do **isócolo** que se caracteriza por membros ou frases de extensão igual ou quase igual; p. ex. salta o coração / bate o peito / cheamejam os olhos / escuma a boca / morde-se a língua / arde a cólera / ferve o sangue.

Na linguagem comum da prosa tais recursos são, em geral, condenados pela gramática e catalogados como "vícios de linguagem". Muitos torneios estilísticos, permitidos na poesia, não encontram aceitação na prosa comum e lógica, por parte dos gramáticos.

Influência da tradução da Bíblia de Lutero

A Bíblia de Lutero teve grande influência literária sobre os alemães na aprendizagem da língua vernácula, tanto em âmbito extensivo, pelo fato de promover o cultivo da linguagem entre as pessoas não acostumadas a aprimorar-se no estudo da língua pátria, quanto em âmbito intensivo, levando as pessoas à prática de falar e escrever corretamente, atendendo-se aos critérios da gramática, da estrutura da frase, do vocabulário e do estilo. Até então vigorava entre os humanistas a opinião de que o alemão era uma língua bárbara, incapaz de expressar pensamentos sutis e profundos, quanto menos verdades religiosas. Lutero promoveu uma linguagem capaz de ser entendida em todas as regiões de fala alemã — Alemanha, Áustria e Suíça —, apesar das diferenças dialetais. Na Bíblia de Lutero são elucidadas as normas fundamentais do estilo gramatical e literário de língua alemã, de sorte que a linguagem da Bíblia constitui a explicitação das diversas modalidades de expressão, em forma conseqüente e em âmbito muito variado. O uso dessa linguagem apressou o processo evolutivo em direção a uma linguagem versátil, com utilidade na vida cotidiana, como meio de expressão de todos os tipos de linguagem, proporcionando aos literatos uma linguagem adequada para poesia e prosa. Sem essa língua unificada, a evolução teria, talvez, levado muitos séculos até chegar a esse resultado, correndo até mesmo o risco de desdobrar-se em várias línguas.

Os métodos hermenêuticos empregados na Bíblia de Lutero serviram de critério às traduções de outros escritores, quer alemães, quer estrangeiros, daquela época e de tempos mais recentes. Cada tradução da Bíblia terá que ater-se ao princípio da clareza e compreensão e da expressão em linguagem apropriada, utilizando os meios de expressão próprios da índole da respectiva língua.

A Bíblia de Lutero e as diferentes linguagens de hoje

No período seiscentista, a linguagem da Bíblia de Lutero, sem ser erudita, solene ou hierática, servia de padrão da linguagem culta. À base dessa linguagem foram estabelecidos os gabaritos gramaticais e retóricos para o estudo da língua alemã. A intuição e a filosofia estética de Lutero influenciaram os literatos na moldagem de seus estilos.

Hoje, porém, os revisores literários da Bíblia enfrentam o problema da escolha de uma linguagem apropriada para a Bíblia, dentre tantas e tão diferentes ora em uso, tais como a linguagem de conversação (usual ou familiar), a linguagem escrita (dos diversos ramos da ciência e literatura), a linguagem dos jornais e a linguagem administrativa. A modernização da linguagem implica uma mudança da própria intuição esté-

tica de Lutero. Mas essa intuição estética, cultivada e desenvolvida posteriormente por outros escritores, foi enriquecida por novos elementos e amplamente diversificada, dando origem às diferentes linguagens. Conservando-se a linguagem da Bíblia de Lutero, sem a devida modernização, ela soaria aos nossos ouvidos como linguagem solene e antiquada, e a Bíblia se tornaria uma relíquia cultural e uma peça de museu. Textos sacros, escritos em linguagem solene e hierática para preservar o valor cultural das tradições religiosas do passado, não devem necessariamente ser bíblicos. Se uma obra literária assumir a função de "texto sacro", sem que a linguagem acompanhe a evolução lingüística, com o decorrer do tempo perderá sua inteligibilidade. Impõe-se, assim, esta alternativa: preservar fielmente a Bíblia de Lutero para uso cultural, correndo o risco de se perder a compreensão do conteúdo, ou adaptar a linguagem, sem descuidar sua formulação apropriada, em vista da compreensão do conteúdo bíblico, cuja finalidade é servir de norma de fé e sustento da vida religiosa do homem.

BIBLIOGRAFIA

- M. LUTHER. *Die gantze Heilige Schrift Deudsch*, 2 vols. Anhang und Dokumente, Edição Facsimile. Wittenberg 1545. Wissenschaftliche Buchgesellschaft, Darmstadt 1972.
- E. ISERLOH. "Die Protestantische Reformation", in H. JEDIN, *Handbuch der Kirchengeschichte*, Vol. IV, Reformation, Katholische Reform und Gegenreform, Herder, Freiburg-Basel-Wien 1967, 1ª Parte, 3-446.
- F.G. KENYON. *The Text of the Greek Bible*, Duckworth, 3ª ed. rev., London 1975.
- G. EBELING. *Luther, Einführung in sein Denken*, J.C.B Mohr (Paul Siebeck), Tübingen 1965.
- L. SCHMIDT. "Das Neue Testament der Lutherbibel in der Fassung von 1975" (Notwendige Bemerkungen zur Bibelrevision), *ZTnK* 77 (1980) Nª 3, 345-380.
- W.I. SAUER-GEPPERT. "Mittelalterliche und reformationszeitliche Bibelübersetzungen" III/1, *TRE*, vol. VI, 228-246.

W. GUNDERT. "Bibelübersetzungen in europäische Sprachen vom 17. Jahrhundert bis Gegenwart", IV/1, *TRE*, vol. VI, 266-276.

W. WALTHER. *Luthers Deutsche Bibel* (Festschrift zur Jahrhundertfeier der Reformation). Ernst Siegfried Mittler & Sohn, Berlin 1917.

O autor, **Luís I. J. Stadelmann S.J.**, é licenciado em Teologia pela "Jesuit School of Theology", de Chicago, USA; "Master of Divinity" pela "Loyola University" da mesma cidade; doutor em Línguas e Literaturas Semíticas pelo "Hebrew Union College", de Cincinnati, USA; licenciado em Sagrada Escritura pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma. É professor da Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, em Belo Horizonte-MG. Publicou *The Hebrew Conception of the World*, BIP, Roma 1970; *Os Salmos. Estrutura, conteúdo e mensagem*, Vozes, Petrópolis 1983. Traduziu vários livros do AT para a edição brasileira da Bíblia de Jerusalém e para a Bíblia da Editora Vozes.

Endereço: Caixa Postal 5047 (Venda Nova) — 30000 — Belo Horizonte-MG.